

RESENDE (Barrô)

Barrô é uma freguesia do concelho de Resende distrito de Viseu, e está situada na margem esquerda do rio Douro. A igreja de Santa Maria dista perto de 14 km da sede de concelho. Sair de Resende pela estrada N222 e andar cerca de 13 km. Virar à esquerda para a Calçada da Igreja, passar a Junta de Freguesia e cerca de 200 m à frente, à esquerda, encontra-se a igreja de Santa Maria.

O orago da freguesia é Nossa Senhora da Assunção. O nome de Santa Maria dado à titular da igreja e da freguesia sugere a existência de uma comunidade cristã que nos faz recuar ao século X, altura que se introduziu na Igreja o culto à Virgem sob esta invocação. O enquadramento da igreja é rural, a meia encosta e a 264 m acima do nível do mar, isolado e rodeado de campos de cultivo dispostos em socalcos que descem até ao rio. Barrô é uma freguesia essencialmente agrícola e vinícola.

Segundo Joaquim Correia Duarte, a etimologia da palavra Barrô vem do latim *barriolum* que significa lugar pequeno. A sua ocupação remonta ao período romano, cujos vestígios epigráficos são muito numerosos. A via romana que de Cabeço do Vouga (*Talabriga*) seguia para Coimbra passava em São Martinho de Mouros, perto de Barrô. Segundo alguns autores, Barrô esteve unida à freguesia de Barqueiros (concelho de Mesão Frio) por uma ponte mandada construir por D. Mafalda, mas arrasada por uma cheia do Douro. A antiga freguesia era vigairaria de renúncia da apresentação da Casa dos Azevedo e comenda de Malta. Pertenceu à freguesia de São Martinho de Mouros até 1855, sendo depois integrada no concelho de Resende. Em finais do século XVII, instalou-se em Barrô um grupo de religiosas que tomou o hábito franciscano e aí foi fundado o convento de Jesus Maria e José, referido em 1758 como de "Claras urbanas".

Igreja de Santa Maria

A PRIMEIRA REFERÊNCIA A BARRÔ data de 1116 e é referente a uma escritura de venda de uma propriedade situada abaixo do monte Alcorvo, a D. Egas, abade de Paço de Sousa, por D. Ermesinda Viegas, que se supõe filha de Egas Moniz. Em finais do século XII, inícios do século XIII, D. Sancha Vermudes faz várias doações de bens que possuía em Barrô ao mosteiro de Paço de Sousa. Em 1208, doa o padroado da igreja de Barrô à Ordem do Hospital. A data provável da edificação da atual igreja de Santa Maria é o princípio do século XIII. Anteriormente, terá existido um outro templo, fruto da iniciativa de D. Egas Moniz, por doação de D. Afonso Henriques. Como se sabe, D. Egas Moniz fora *tenens* de São Martinho de Mouros entre, pelo menos, 1106 e 1111 e governador da região de Lamego entre 1113 e 1117, até talvez mais tarde.

A primeira referência documental à igreja de Santa Maria de Barrô está presente nas Inquirições de 1258, onde se diz "sobre o padroado da igreja de Santa Maria

de Barriolo disse que os irmãos do Hospital apresentam a dita igreja, e é sua". Inquiridos como obtiveram os Hospitalários o referido padroado, os inquiridos afirmaram que D. Sancha Vermudes lhes havia doado. Nestas Inquirições realizadas no reinado de D. Afonso III, o lugar é designado como *Barriolum* e *Barriolo*. Pertencia então ao concelho e julgado de São Martinho de Mouros. Nesta freguesia existiam oito *villae*, entre elas a de *Barriolo*. A *villa* de *Barriolo* (Barrô) era do mosteiro de Paço de Sousa que a tinha por testamento da honra de D. Egas Moniz e não pagava qualquer foro à Coroa, exceto de uma cavalaria que o rei aí detinha. Em Barrô cruzavam-se vários interesses – igreja e território – com uma ligação comum: o património de D. Egas Moniz.

Em 1295, Pedro Pais, cónego de Coimbra e da Guarda, deixa a Pedro Martins, seu coirmão também cónego da Guarda umas casas que os seus pais e avós tinham em Barrô e que foram da Ordem do Hospital.

Em 1320, o papa João XXII concedeu a D. Dinis, por três anos, para subsídio de guerra contra os mouros a décima de todas as rendas eclesiásticas, com exceção das igrejas, comendas e benefícios da Ordem do Hospital, por considerar que os professos da Ordem já se empregavam continuamente na luta contra o infiel. Por este motivo, a igreja de Barrô não figura na lista das igrejas, comendas e mosteiros do Reino ordenada por D. Dinis em 1320-1321, e elaborada na sequência desta bula.

Do período medieval, pouco conhecemos da comenda de Barrô, uma vez que o arquivo geral dos Hospitalários, no convento da Flor da Rosa no Crato, foi totalmente destruído na invasão espanhola de 1662. No Arquivo Distrital de Viseu está depositado um fundo de teor enfitêutico que apenas permite conhecer o espaço económico desta comenda e para um período mais tardio (1555-1825).

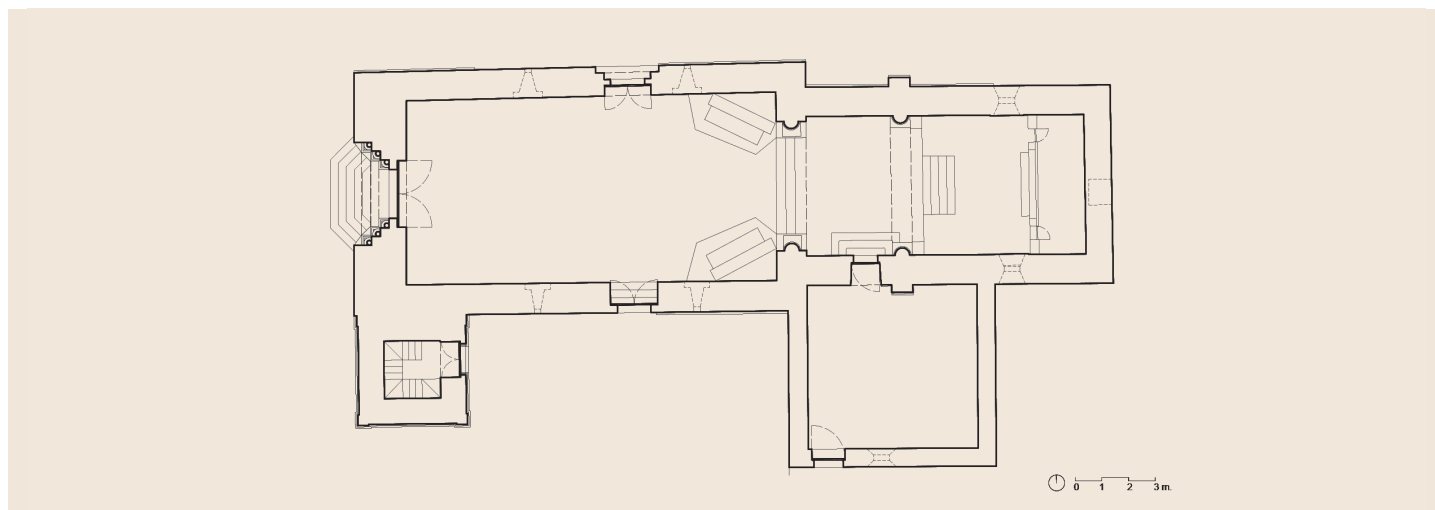
Segundo os registos das Memórias Paroquiais de 1758, Barrô era uma freguesia do termo de São Martinho de Mouros. A igreja era de uma só nave e tinha então três altares. O abade assinala que, no terramoto de 1755, “a abobeda do corpo da igreja das religiosas alguma ruína padeceu como dela ainda se vê, pois mostrou sinal de que hia abrindo” e a cruz do campanário da igreja ficou inclinada para poente.

Orientada, a igreja, composta por nave única e capela-mor retangular, encontra-se implantada num terreno

voltado ao rio Douro, de acentuada pendente. Devemos a este aspeto a presença de dois degraus que, internamente, permitem o acesso da nave à abside compensando assim o facto de a fachada oeste se encontrar a uma cota mais baixa do que a capela-mor. Esta, abobadada, compõe-se de três tramos delimitados por dois arcos torais assentes sobre colunas adossadas à parede e a que corresponde um contraforte de cada lado, alinhado com o arco mais próximo do arco triunfal. No lado sul, este contraforte está em parte oculto pela sacristia. A ausência de um segundo contraforte de cada lado, conjugada com a rara profundidade da cabeceira, podem-nos fazer conjecturar se a mesma foi ampliada durante a época moderna para acolher no seu interior a máquina retabular barroca joanina. Apesar da ausência de notícias documentais relativas a esta hipótese, a janela retangular que se rasga de ambos os lados e a presença de um nicho onde se abriga uma imagem na parede fundeira da abside poderão concorrer para esta possibilidade. Maria Leonor Botelho e Nuno Resende conjecturaram já esta possibilidade, acrescentando ainda como argumentos o facto dos capitéis do arco toral que no interior delimita o último tramo serem lisos, bem como relevaram aqui a diferente dimensão e coloração dos silhares. Contudo, podemos ajuizar a escala desta igreja, bastante elevada na nave e na abside, devido à cronologia tardia da sua edificação, já na primeira metade do século XIII, substituindo um templo anterior. Igrejas tardias como a de São Pedro



Perspetiva aérea da igreja a partir de sudoeste



Planta

Alçado ocidental



Corte transversal



de Roriz (Santo Tirso) ou São Pedro de Cete (Paredes) devem a sua elevação ao facto de terem sido edificadas numa cronologia avançada.

Retangular e alinhada com a cabeceira, a sacristia tem telhado de quatro águas e porta rasgada para sul, de verga reta. A sua fábrica, apesar de datar da época moderna, é contida. Também a sul, mas alinhando-se com a fachada oeste e com porta de acesso rasgada a este, ergue-se a torre sineira quadrangular. Foi reconstruída em 1890 a expensas de um emigrado no Brasil e natural da freguesia, ligado à família da Casa do Torgal, em substituição de um campanário anterior referido em 1758 a propósito da cruz do topo, que se movera com o terramoto de 1755,

conforme publicaram Maria Leonor Botelho e Nuno Resende. A nave tem cobertura em madeira. Tanto esta como a cabeceira apresentam telhado de duas águas. Apesar das transformações realizadas durante a época moderna e que em muito mudaram a imagem da igreja, é hoje visível o seu aparelho pseudo-isódomo de granito. Contudo, devemos notar que antes das intervenções de restauro realizadas pela DGEMN, a igreja de Santa Maria de Barrô, tal como muitas outras igrejas românicas, apresentava os seus paramentos exteriores caiados de branco. Sabemos bem como os restauros realizados durante o século XX privilegiaram a sua remoção enfatizando assim o material pétreo que dá corpo às igrejas românicas. De relevar, ainda,



Vista geral. Alçados este e sul



Alçado oeste

Alçado norte



Portal norte





Portal oeste. Pormenor

a presença de inúmeras siglas nos silhares desta igreja e, mais concretamente, no interior da abobada da abside. Cruzes simples ou mais complexas e iniciais são as siglas que aqui identificamos.

Da época românica, na parede este da cabeceira, remanesce o aparelho em granito. Se esta não mantém o seu alinhamento original, como já se conjecturou, aproveitou, contudo, o material pétreo medievo no momento da sua reedificação, após ampliação da igreja, o que poderá explicar algum desalinhamento ao nível das fiadas.

Além do já referido contraforte, em parte oculto pela sacristia a sul, devemos referir a existência de cachorradada tanto na cabeceira como na nave. Os cachorros são tendencialmente lisos ou ornados com simples molduras geométricas. Contudo, no quinto a contar de oeste vemos uma ave e no sétimo a partir de este outro que poderá representar um mocho. No primeiro deste lado, apesar do desgaste, ainda identificamos a representação de uma figura humana.

O alçado da nave é muito fechado, apesar da sua elevação. Rasgam-no duas muito estreitas frestas que iluminam o interior da nave, alargando-se no interior do paramento. A presença de mísulas a meia altura do alçado indica-nos ter existido uma estrutura alpendrada que abrigaria o portal lateral sul. Com configuração em tudo idêntica ao portal norte, que com este se confronta, o

portal sul enquadra-se na estética do primeiro gótico rural, conforme notaram já Maria Leonor Botelho e Nuno Resende. Ambos os portais inscrevem-se na espessura dos muros onde foram rasgados e apresentam tímpano liso assente sobre mísulas. Contudo, o portal norte é mais elaborado porque se compõe de duas arquivoltas envolvidas por um arco exterior enxaquetado. Também a presença de mísulas informa que a sul, e tal como a igreja de Santa Maria de Barrô, estava dotada de alpendre. Neste lado norte destacam-se os cachorros, que Vergílio Correia de forma tão eloquente descreveu: "entre os cachorros da capela-mor divisam-se uma cabeça de homem e um focinho tôsko de javardo: entre os do corpo da igreja, passaros, um gnomo acorçado trincando qualquer cousa informe, e desenhos vários".

A fachada oeste contrasta com a restante fábrica da igreja pelo caráter cuidado e erudito dos elementos decorativos que a enformam. Atendendo à elevação pouco comum da igreja, o seu alçado foi organizado em quatro registos delimitados por três molduras colocadas na continuidade da imposta do portal principal e da imposta do janelão superior e, uma outra, na base deste. Define-se, portanto, um eixo vertical, ao centro, marcado por portal e por janelão que enquadra rosácea protogótica e que se sobrepõem a este. A empena quebrada acentua esta verticalidade, que uma cruz remata, como também nos dá a


Cachorros

falsa impressão de estarmos diante de uma igreja de três naves. O arranjo desta fachada é pouco comum à região onde esta igreja se ergue, como notaram já Maria Leonor Botelho e Nuno Resende.

A sobreposição de dois vãos ao nível da fachada remete-nos para uma composição que convoca a Sé-Velha

de Coimbra, apesar de nesta última se enquadrar em corpo avançado. Apesar de vários autores chamarem a atenção para esta familiaridade, Maria Leonor Botelho explica a mesma a partir da circulação de artistas que sabemos ter existido durante a época românica em Portugal, e de que mestre Soeiro (Anes) é um ótimo exemplo. Releva a autora

o papel da região do Porto e o exemplo tão geograficamente próximo de Cabeça Santa (Penafiel) e que tem vindo a ser considerado pela historiografia como uma reprodução da igreja de São Martinho de Cedofeita, no Porto. Se no registo superior as duas arquivoltas são de volta perfeita, no inferior as três são já quebradas. Tanto no janelão como no portal as arquivoltas são compostas por uma modenatura onde se alternam toros e escócias e apoiam-se sobre estreitos colonelos que afirmam a profundidade de ambas as composições arquitetónicas.

A escultura adotada nos capitéis do portal, de temática vegetalista e floral aproxima-se mais do gótico pelo tratamento naturalista dos mesmos, que se colam muito ao cesto. O tímpano do portal principal, considerado por Vergílio Correia como "o melhor exemplar no género, entre as igrejas coevas, do norte" ostenta uma elaborada cruz vazada multimoda, muito ornamentada e de notável elaboração. Atente-se, ainda, às três curiosas mísulas que enquadram o portal onde se esculpiram rostos humanos de difícil datação. Os capitéis do registo superior, de talhe idêntico, apresentam uma composição vegetalista mais contida.

O interior da igreja, dominado pelo aparelho de granito, permite compreender as dimensões pouco comuns da nave e da capela-mor, particularmente ao nível da sua elevação, mas também do seu comprimento.

Como dissemos já, só os capitéis do arco toral central é que são ornamentados. Ambos surgem ornados com

motivos vegetalistas feitos a bisel, aproximando assim o estaleiro de Barrô daqueles que se desenvolveram a partir do mosteiro de Paço de Sousa. Notou-o cedo Reinaldo dos Santos quando afirmou que os capitéis de Barrô "parecem talhados à goiva, à maneira de Paço de Sousa, como se o espírito decorativo, vencendo a corrente do Douro, alcançasse a margem oposta...". Também ligada a Coimbra, trata-se de uma técnica tradicional de esculpir, própria do trabalho decorativo de madeira, e que cria finos baixos-relevos planificados. Recordem-se as ligações existentes entre este mosteiro e esta igreja de Barrô, por nós referidas anteriormente. As impostas de ambos os capitéis mostram o motivo da hera estilizada que se repete igualmente nos capitéis do arco triunfal, prolongando-se para lá deste último ao modo de friso.

A amplitude do vão do arco triunfal testemunha uma alteração de paradigma ao nível da estrutura que responde a uma nova liturgia. Às cabeceiras românicas, intimistas, mais baixas e estreitas que a nave, criadoras de espaços de recolhimento, sucedem-se as amplas e iluminadas cabeceiras góticas, abertas aos fiéis.

Ligeiramente quebrado, o arco triunfal é composto por duas arquivoltas e é exteriormente envolvido por um arco onde se conjugam três motivos relevados. No exterior, um toro, ao centro os entrelaçados catalogados por Joaquim de Vasconcelos com o nº5 no seu catálogo dos motivos decorativos mais comuns ao românico português



*Interior. Perspetiva
a partir do lado
ocidental*



Interior. Abside

Interior. Capitéis da abside. Arco triunfal (em cima) e arco toral (em baixo)



e, por fim, no registo interior, uma escócia pontuada por pérolas. O capitel do lado do Evangelho mostra-nos uma cena de caça, cuja figura central é um homem que além de tocar um corno de caça, segura com a mão direita uma lança. O corno de caça era habitualmente usado para transmitir sinais em momentos de perigo. Do lado direito, um quadrúpede (talvez um bovídeo) e do outro lado, uma personagem que parece munida de uma espécie de escudo na mão direita e de uma moca na mão esquerda. O tema da caça, enquanto alegoria de luta contra o mal, está também representado no capitel do lado da Epístola, onde um javali é agarrado por uma pata e por uma orelha por dois quadrúpedes, talvez dois cães.

Na nave da igreja a contenção impera. Devemos destacar, apenas o arranjo das frestas, criando ressaltos. Os portais não apresentam qualquer elemento que os nobilite, assentando o seu arco quebrado diretamente sobre os pés direitos do paramento.

A igreja de Santa Maria de Barrô é de fundação medieval tardia, mas bastante alterada nas épocas seguintes. De relevar que, a sua ligação à estirpe do Aio, por um lado, e aos Hospitalários, por outro, justifica a edificação de um templo com algum aparato, não só ao nível de dimensões, mas também no que diz respeito aos elementos decorativos, particularmente notáveis ao nível do arranjo da fachada oeste, como nos temas escultóricos dos capitéis que remanescem no interior da igreja. Concordamos, portanto, com Maria Leonor Botelho e Nuno Resende quando classificaram esta igreja como de transição entre o românico pleno e um gótico erudito, apesar dos problemas que esta designação meramente operativa possa acarretar.

A igreja de Barrô foi declarada Monumento Nacional em 1922. Desde 2010, a igreja de Santa Maria de Barrô integra a Rota do Românico.

Texto: MLB/JL - Fotos: RR/MLB

Planos: GM/MF/MS (sobre RR/SACH/PG/BN/Nmu/EVC/PB)

Bibliografia

BOTELHO, M.L., 2013b, pp. 481-513 e 526-528; COSTA, A., 1929-49, III, p. 327; CORREIA, V., 1924a, pp. 68 e 70; DUARTE, J.C., 1996, pp. 101-151; GEPIB, 1935-60, IV, p. 293; HISPANIA EPIGRAPHICA; MEM. PAROQ. 1758 (2010), pp. 452-453; PATRIMÓNIO CULTURAL; PMH, INQ., pp. 999-1000 (de 1258); ROSAS, L.M.C. *et alii*, 2014a, I, pp. 173-194; SANTOS, R., 1966, p. 70; SIPA; SOUSA, L.C., 2005; TEST. ECC. PORT., doc. n.º 2.36 (de 1295, fevereiro, 22), p. 351; VASCONCELOS, J., 1918, p. 70; VIAS ROMANAS; VILA-CHÃ, E. *et alii*, 2018, pp. 16 e 24-26.